

— TRÊS PORTAIS PARA A GLÓRIA —

Bem Atticus Aluno do Colégio Estadual Regente Feijó

De infinito a infinito nasciam e morriam os séculos; no oriente nascia o sol e no ocidente ele morria; movia-se a terra ora banhada por um mar de luz, ora banhada por um mar de trevas; um cáldo verão cobria o norte e de frio tremia o sul; o plenilúnio lutava contra as trevas, o novilúnio lutava contra a luz; cansavam-se de cantar, as cigarras, cançavam-se de calar os sepulcros; então, alguém pergunta aos céus — terei que morrer com os séculos? estarei o eterno porvir nos crepúsculos? estarei o eterno porvir nas trevas? terei, nas imensidades, o frio por berço eterno? estarei o eterno porvir no silêncio? —.

E, de lá, onde brotam os séculos; de lá, onde jamais se esconde o sol; de lá, onde há sempre o mar de luz; de lá, onde o verão é eterno e sempre ameno; de lá, onde não há trevas contra o plenilúnio; de lá, onde as almas nos cânticos dos cânticos adormecem, Homero, o Homero da eterna Grécia responde — Em nome do amor e da divina beleza, os campos de Ilion, foram cobertos de sangue grego; também, em nome da divina beleza, narrando e descrevendo, desejei lançar outro sangue na língua ainda indeciza e titubante da Helade; narrando e descrevendo, desejei eternizar o espírito de um povo que se deleitava no belo, no amor e no sublime; quizeram, assim, os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os sé-

culos, que eu não conhecesse somente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o eterno frio, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno —.

Dante, o Dante da imortal Itália, a seguir fala — Vi almas desfrutando de eterna bemaventurança; vi, ao contrário, almas mergulhadas em profundo mar de dores; vi, também, almas procurando, de vários modos, libertarem-se de suas dores; a eternizadora de Roma dava à Itália, uma de suas belas filhas: era a língua italiana que nascia; se a mãe eternizava o Lácio, também a filha poderia eternizar a Itália; e, com essa sublime donzela, procurei descrever e narrar o gôzo dos bemaventurados, o sofrimento dos desesperados e a luta daqueles que procuravam escapar às dores; quizeram, assim, os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os séculos, que eu não conhecesse somente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o frio eterno, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno —; Copérnico, o Copérnico do Panteon polonês, também responde — Há vários séculos o nosso planeta vinha sendo considerado o rei da família planetária; não obstante o verde de seus continentes e mares, o azul de seus céus, os quadros multicôres de seus jardins, era um falso rei; difícil seria provar ao mundo, diante de tanta beleza, magnificência e graça, que o cetro não era seu; além de belo, magnificante e gracioso, embora na falsidade, havia sólidamente estabelecido seu poder. E, em nome da verdade, dissertando e descrevendo, desejei ardentemente, eternizando minha pátria, mostrar à humanidade que o cetro pertencia ao sol; êsse era o verdadeiro rei; sem ele os continentes e mares não seriam verdes; sem ele os céus não seriam azuis; sem ele desapareceriam as pétalas multicôres de seus jardins; quizeram, assim os habitantes do eterno Olimpo, que eu não morresse com os séculos, que eu não conhecesse somente os crepúsculos, que eu não conhecesse as trevas sem fim, que eu não conhecesse o frio eterno, que eu jamais visse os lances do novilúnio, que eu não conhecesse o silêncio eterno —.

Com um soluçante anelo que ecoava no infinito, alguém pergunta — Mas para elevar-se à imortalidade só há três caminhos? —

E os imortais novamente respondem —

Bem, muitos são os mortais eleitos, muitas são as veredas que conduzem à eterna luz; mas, através das letras, três são os portais para a glória: narrar, descrever e dissertar; é possível que, através das letras, existam outros, todavia, quantos há, somente os habitantes do eterno Olimpo o sabem, pois, eles, dos infinitos, vêm nascerem e morrerem os séculos... vêm o sol nascer no oriente e morrer no ocidente... vêm a terra ora banhar-se de luz, ora banhar-se de trevas... vêm o norte mergulhar-se em cáldo verão e o sul tremer de frio... vêm o plenilúnio cortar a noite e o novilúnio perpetuar a escuridão... vêm as cigarras cantarem até morrer e os sepulcros silenciarem-se pelos séculos sem fim...